VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A GEOGRAFIA DO ALÉM NAS ILUMINURAS DOS *BEATUS* – ALTA IDADE MÉDIA.

Raquel de Fátima Parmegiani*

Sobre o espaço, Paul Zunthor nos lembra que é na terra real que se desenvolve a ação coletiva, a organização do grupo; porém, é no espaço social[1] onde se traçam os itinerários discursivos, ao longo dos quais o grupo fala de si e para si mesmo. A experiência com o espaço constitui uma das bases sobre as quais o ser humano organiza conceitualmente os outros ambitos da realidade.

É nele que se opera o imaginário e, é graças a ele, que o grupo adquire uma identidade (ZUNTHOR, 1994, p.17). O espaço é, pois, gerador de mitos, é zona ambígua entre o cosmos e o caos. Por conseguinte, a concepção de espaço torna-se uma dimensão fundamental para pensarmos os indivíduos e as sociedades.

Partindo dessas questões nos propomos a pensar o imaginário que cerca a localização do Além - Paraíso e Inferno – na Idade Média, tendo como documento um

---

* Graduação, mestrado e doutorado em História, pela Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis. Professora de História Medieval na Universidade Federal de Alagoas – Campus de Maceió.

1 Entendemos por espaço o tempo organizado socialmente como raio de operações. Os elementos que agem nos ciclos socais precisam das distâncias fisicamente mensuráveis para funcionar. O espaço social é uma realidade relacional que ocupa um espaço possível de medir e delimitar concretamente a integração funcional da realidade social; o espaço social, por sua vez, apoia-se num outro espaço mensurável, o espaço físico. (CARDOSO, 2005, p. 40)

ISBN: 978-85-98711-10-2

Comentário ao Apocalipse, escrito no século VIII por um monge Asturiano – Beato de Liébana. Nossa análise contemplará não apenas o texto escrito, mas também as iluminuras que, ao longo de três séculos, foram – a cada nova cópia do códice – reproduzidas por iluministas. Hoje essa coleção de iluminuras de valor artísticos indiscutível, é chamada de *Beatus*.

Ateremos-nos, principalmente, às iluminuras que contemplam a figuração dos mapas e da Jerusalém celeste. Quanto aos primeiros, devemos ressaltar que não há dúvida de que eles arquivam o conhecimento do grupo social e convertem sua própria história em objeto de reflexão. Unindo lugares dispersos, eles articulam em uma globalidade os espaços, projetam itinerários, questiona o espírito nômade. Tomam partido pela estabilidade. Segundo Zunthor, a cartografia trata de dominar o indefinido sobrepondo-o numa trama de leitura (ZUNTHOR, 1994, p. 305).

As representações sobre a Jerusalém Celeste por sua vez podem, por suas figurações simbólicas, nos remeter a vestígios importantes da concepção medieval sobre tempo. Herdeiro da tradição teológica agostiniana, o autor do *Comentário ao Apocalipse* vislumbra o cosmos como duas cidades que caminham inextricavelmente relacionadas: a Babilônia, que figura na narrativa como o agente perturbador – uma identificação com as coisas mundanas; e Jerusalém que, embora tenha sua realização histórica neste mundo, distingue-se da primeira por ser nele peregrina, aguardando a vida eterna.

Essa metáfora das duas cidades vai ao encontro da visão dualista do universo na sociedade medieval, que se contrapunha a concepção antiga que o via como um todo harmonioso. O mundo assim como o ser humano, não poderia ser "belo", porque estava manchado pelo pecado e submetido ao juízo de Deus; o ascetismo cristão, tradição na qual o *Comentário Apocalipse* se insere, os rechaçava, posto que estes estavam submetidos ao " *poder do Maligno*" (1 Jo 5, 19). Por isso, o abandono do mundo – vida monástica - era, ao menos em parte, a necessária consequência do amor por Deus.

Devemos resaltar que para o homem e a mulher da Alta Idade Média, o espaço não era algo a ser possuído ou uma extensão que se pudesse conquistar, já que ao estruturar-se como elemento da Criação, terra – segundo Isidoro de Sevilha, quando seu nome se emprega no singular, indica toda à orbita da terra -, era um dom de Deus.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Como tal estava dotado de um sentimento simbólico, mantido de forma estável no seio da Criação.

Os espaço era algo que organizava-se ao redor do corpo humano e na relação com ele; uma gama de variáveis em função das quais os indivíduos e grupos relacionavam-se com as regras sociais que os cercavam[2]. O corpo era, assim, não mais do que um modo espaço-temporal. Avaliar-se-ia territorialmente o que o ser humano experimentaria em seu próprio ser: (...) *estas duas cidades boas e más configuram-se em todos (...)* (BEATO DE LIEBANA, X, p 240). *(...) essa cidade (cidade do diabo) é o mundo em sua totalidade e os que se instalaram na prevaricação do maligno: essa é a cidade que é chamada a cidade do diabo.* (BEATO DE LIEBANA, X, p. 160)

Sem se deslocar fisicamente, portanto, o homem e a mulher medieval, pelo aperfeiçoamento moral, poderiam deslocar-se topograficamente. A situação local deles deveria corresponder a seu estatuto moral:

> (...)a cidade do diabo converteu-se em morada de demônios e de todas as aves imundas. Se não fosse todo o mundo esta cidade do diabo, poderia reunir, materialmente, em uma só cidade todos os demônios e todas as aves na destruição de uma só cidade? (...) Assinala-se aqui de maneira mais completa que a Babilônia está dividida em duas partes, quer dizer: em povo de Deus e povo do diabo (...) o Senhor guarda suas almas de toda mancha de iniquidade. E como não fazem nada mal, nem em palavras, obras, nem pensamentos, diz-se que não tocam coisas impuras e afirma-se que saem da Babilônia (...). (BEATO DE LIEBANA, X, p. 40-60)

O mundo civilizado e harmonioso, protegido pela benção de Deus limitava-se ao mundo circunscrito pela fé cristã e obediente à Igreja (GURIEVICH, 1990, p. 97). Por conseguinte, a ideia de espaço é concebida tanto dentro da obra escrita, como das iluminuras, como um sistema fechado, com centros sagrados e periferia profana. Ele fazia-se guia da vida do fiel por meio da valorização do lugar cristianizado em relação a outros que eram percebidos como negativos, o deserto, infrutífero, o não lugar[3]: (...) *no ermo somente habitam as bestas e as serpentes, não os homens*.(...). (BEATO DE LIEBANA,VI, p. 151-152)

---

[2] A mediação dos costumes próprios do grupo é que daria a distância ideal, dentro de cujos limites, harmonizariam as relações de espaço. (ZUNTHOR, 1994, p. 20)

[3] O não lugar cria uma contratualidade solitária, uma perda da verdadeira identidade; ele existe, mas não estabelece uma sociedade orgânica. (CARDOSO, 2005, p. 46)

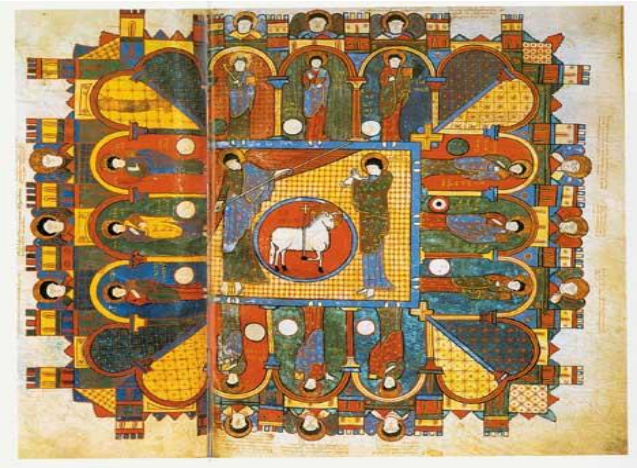
ISBN: 978-85-98711-10-2

E aqui colocam-se duas questões a serem pensadas sobre o Além. Este se desmembra dentro das narrativas escritas e imagéticas do *Comentário ao Apocalipse* em dois pontos, tempo e espaço. Primeiramente, podemos falar do Além, no sentido de eternidade - tempo. A Criação seria um momento deste todo temporal. Este Além foi sempre o modelo perfeito em função do qual se justificou o mundo terreno. Embora pudéssemos falar em uma dilatação do tempo, não podemos negar o encontra que essa perspectiva tem com os elementos de cultura ainda arraigada ao tempo cíclico, cujo interesse centra-se no imediato, na cotidianidade da existência, sendo alheia, por exemplo, às visões escatológicas, às felicidades e recompensas sujeitas à dilatação no tempo.

Neste sentido, a Igreja é vista na narrativa como a face terrena do Novo Israel, Tabernáculo de Deus, ela é em seu conjunto, o lugar seguro para o cristão – arca de Noé – frente às investidas do diabo, da heterogeneidade da qual se constituiria aquilo que estaria fora dela, até o Juízo Final. Em sua existência histórica e na pertença de cada fiel a ela, se restauraria a humanidade à sua forma primeira: *o reino dos céus é a Igreja presente, na qual se salvam pelo batismo e a paixão: isto é beber um cálice novo, preparar para a nova justiça dos corpos que ressuscitam. São ditosos os que se preparam para esta ceia, para este banquete.* (BEATO DE LIEBANA. X, p. 65-70)

As representações dos espaços são aqui, portanto, menos concretas geograficamente do que simbólica. Na iluminura abaixo, por exemplo, o cruzamento destes dois tempos – cidade celeste e cidade terrestre, somada na presença história da Igreja – se faz muito claro. A Jerusalém Celeste é representada aqui por um circulo (analogia do celeste – abóbada do céu, astros) que guarda o cordeiro, e está envolvida por um quadrado (analogia do terreno- quatro pontos cardeais, quatro rios do Éden, quatro estações etc) na qual o anjo mede o tempo histórico da Igreja. O circulo está para o quadrado, assim como o Céu está para a Terra.

ISBN: 978-85-98711-10-2



Beato de Liébana – Iluminura/Jerusalém celeste.

Os mapas medievais por sua vez, também vão nesta mesma perspectiva. Eles projetam textos litúrgicos e repertórios de valores (BAUAB, 2005, p 81), por isso não há uma precisão neles em demonstrar os lugares em suas determinações geométricas e matemáticas, mas o lugar outro, implicando, fundamentalmente, o caminho de transformação do ser humano. Aqui não é o tempo - a Eternidade - que se salienta, mas o espaço. Não há dúvida que, a maioria deles nos mostra os lugares[4] na terra que seriam santos, pios e lugares pecaminosos. Assim, dentro dos mapas o Além, torna-se um lugar – espaço. Tanto o Paraíso como o Inferno, deixam ser uma situação do pós-morte para ser um lugar na órbita terrestre.

Não podemos deixar de lado a questão de que a Bíblia foi uma das fontes mais importantes para a produção do conhecimento cartográfico. Durante séculos (até em torno do século XIII) a utilidade do mapa foi principalmente confirmar a narrativa bíblica, e render homenagem da Terra, da Criação à Vontade Divina. *Mapamundis* como os que encontramos nos *Beatus* nos apresentam, portanto, equivalentes das crônicas universais. Eles exaltam a unidade da Criação que é percebida como uma

[4] Aqui usamos o conceito de lugar antropológico, definido como a construção ao mesmo tempo concreta e simbólica do espaço, servindo de referência para todos aqueles que são destinados por esse lugar a uma posição – não importa se central, intermediária ou periférica – no sistema dos valores, da hierarquia, do poder. Assim definido, proporciona uma base de sentido para os que nele vivem; e torna-se fundamento da inteligibilidade para a pessoa de outra cultura interessada em entender aquela comunidade em que o lugar em questão foi construído. O lugar antropológico caracteriza-se assim por garantir simultaneamente identidade, relações e história aos membros do grupo cuja cultura o constitui. (CARDOSO, 2005, p. 43)

ISBN: 978-85-98711-10-2

manifestação da Providência; resumem a História da Salvação, dando o itinerário que levaria o *homo viator*, a ter de volta sua aliança com Deus.

Segundo Paul Zunthor, a cartografia foi assimilada pelos cristãos a partir da obra de um monge alexandrino chamado Cosmas. Atribuído ao século VI, só o conhecemos por um manuscrito do século IX. Cosmas impõe uma concepção simbólica da forma da terra, uma imagem quadrada como um Tabernáculo. Nela se situa o Oceano, os grandes rios e o Paraíso. Na mesma época, Isidoro de Sevilha faz triunfar no Ocidente, por muitos séculos, a ideia do disco plano que abarca os três continentes – Ásia (onde se localiza o paraíso), África e Europa. A forma esférica se prestava mais a concepção de uma analogia universal e significava, com mais evidência, uma perfeição. E é nessa tradição que podemos situar os mapas dos *Beatus* (ZUNTHOR, 1994, p. 307):

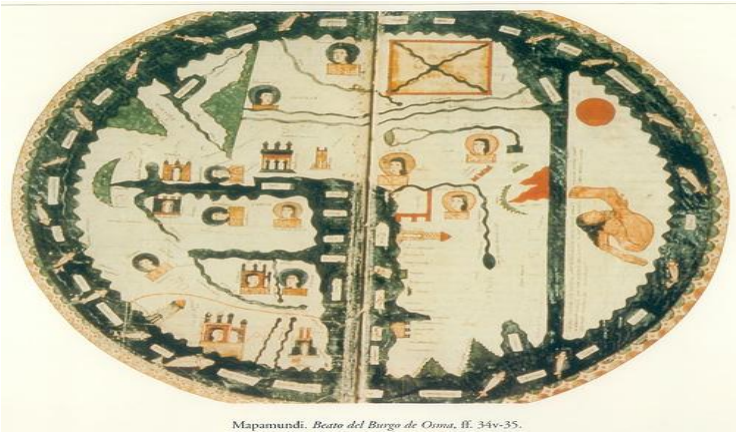
> **Sobre o mundo.** O mundo está integrado pelo céu, a terra e os mares (....)
> **A terra**. A terra está situada na região central do universo, equivalente a todas as demais partes. Quando se emprega seu nome no singular indica toda a orbita da terra; empregada no plural refere-se às regiões particulares que a compõe.
> **A orbita**. Se denomina orbita pelo seu formato circular, porque é semelhante a uma roda (...) o Oceano a rodeia por todos os lados, limitando seus confins em um circulo. A orbita está dividida em três partes, uma das quais se denomina Ásia, outra Europa, e a terceira África. (...) uma metade da orbita é ocupada por duas partes – Europa e Ásia – entretanto, uma metade da orbita só a Ásia a ocupa. Mas aquelas duas primeiras partes se dividem assim porque entre ambas, existe o Oceano, se impõe o Grande Mar, que as separa. Resumindo: si a orbita se divide em duas metades – oriente e ocidente-, em uma delas se encontraria Ásia, e na outra, Europa e África.
> **Ásia**.(...) Possui numerosas províncias e regiões, começando pelo Paraíso. 2. O paraíso é o lugar situado em terras orientais (...). Ali, com efeito, abunda todo tipo de arvores e frutos, incluindo a arvore da vida. Não existe ali nem frio, nem calor, senão uma temperança constante. De seu centro brota uma fonte que rega todo o bosque, e se divide em quatro ramais que dão lugar a quatro rios distintos. A entrada desse lugar se fechou depois do pecado dos homens. (ISIDORO DE SEVILHA, Etimologias, vol. I, XIV)

ISBN: 978-85-98711-10-2

Beato de Liébana – Iluminura/ *Mapamundis*.

Aqui cabe uma observação sobre os lugares e os seres do Maravilhoso medieval dos quais essas iluminuras estão repletas. Tanto os mapas, como as representação da Cidade Celeste – ou ainda outras metáforas da Igreja, como por exemplo a "Arcar Noé" – incluem entre os elementos da Criação seres e lugares fantásticos, mostrando que a compreensão sobre este universo do maravilhoso, os colocava no mesmo plano de realidade cotidiana, ou seja, estava presente na órbita da terra. É o que podemos ver nas iluminuras abaixo e também, no texto de Isidoro de Sevilha:

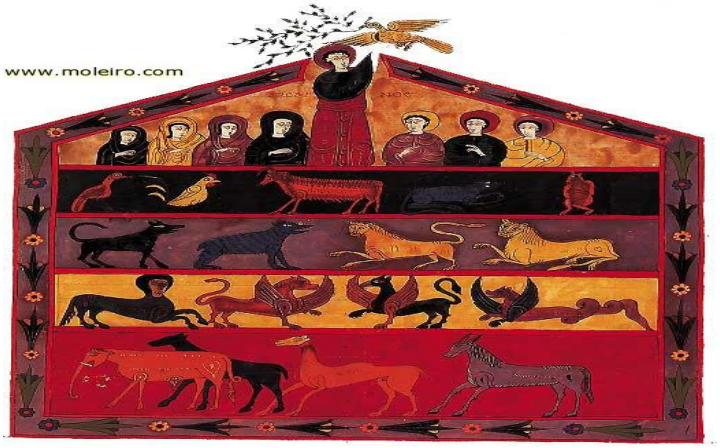
> Do mesmo modo que em cada povo aparecem alguns homens monstruosos, assim também, dentro do conjunto do gênero humano existem alguns povos de seres monstruosos, como os gigantes, os cinocéfalos, os ciclopes e outros mais. (...). Dizem que na Etiópia existe um povo dos esciopadas, dotado de extraordinárias pernas e de velocidade extrema. Os gregos os denominam skiópadai porque durante o inverno, tombam de costas sobre a terra, e se dão sombra com a enorme magnitude dos seus pés.(...) ((ISIDORO DE SEVILHA, Etimologias, vol. I, XIV)



Beato de Liébana – Iluminura/ *Mapamundis*.

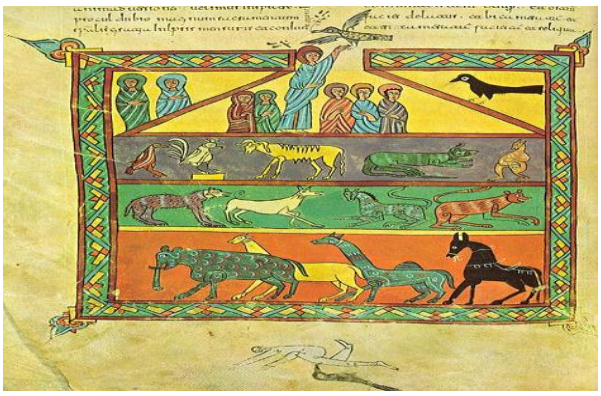
ISBN: 978-85-98711-10-2

Na representação da "Arca de Noé" a seguir, os seus cinco pisos distinguem-se por certa classificação dos seres vivos que contém: no ultimo piso há animais africanos considerados exóticos (elefantes, girafas e antílopes); acima estão seres fantásticos (dragões, grifos); no seguinte estão os carnívoros selvagens (leões, leopardo, lobo); depois os animais domésticos (galinha, ovelha, gato); e por fim, os humanos. Isto se da de tal forma que os pisos se dispõem numa espécie de escala da criação.



Beato de Liébana – Iluminura/Arca de Noé.

Enquanto esses seres fantásticos são representados inclusos na Criação, dentro do espaço social. Os cismáticos, heréticos, infiéis encontram-se fora. Na iluminura seguinte, por exemplo, são colocados à margem da proteção de Deus. Em um espaço sem significado. Soltos no nada, em um "não lugar":



Beato de Liébana – Iluminura/Arca de Noé.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Essa questão nos faz pensar numa afirmação de Baschet sobre a concepção de espaço para esse período. Ao menos quando se trata de representação, para ele, é bom nos limitarmos a falar de lugar, definido como recipiente da coisa que se encontra nele, antes que de espaço; e de localização antes que de espacialização (BASCHET, 2002, p. 324).

Espaço na Alta Idade Média era compreendido como um vazio entre dois lugares. Essa noção pode ser claramente percebida nas iluminuras quando aparecem as figurações de corpos humanos flutuando no nada, como dito acima, numa espécie de "não lugar". Por sua localização na parte inferior e pela sensação de vazio, de movimento quase inerte que estas representações trazem as nossa percepção, podemos pensar a situação de seus agentes, como aqueles que estão fora do sistema do Sagrado, aqueles considerados impuros e que por isso constam fora da Criação, no vazio entre os lugares - no espaço.

Beato de Liébana – Iluminura/Os quatro cavaleiro do Apocalipse.

O lugar, por sua parte, tem uma forte carga positiva, estável e rica; trata-se do fragmento de terra no qual se habita. Não se pode dividir um lugar em partes, pois ele se ordena na totalidade dos seus elementos. Um conjunto de signos se acumula e se organiza nele como únicos e completos, de onde resulta sua coerência.

O lugar seria visto, portanto, como uma grande rede de analogias e o ponto inaugural daquelas relações seria evidentemente a Criação, o que significa a presença, embora incompleta, da propriedade e forma do mundo divino no mundo humano – Modelo/Imagem. Neste sentido, percebemos, tanto no texto escrito do *Comentário ao*

ISBN: 978-85-98711-10-2

Apocalipse quanto nas iluminuras, uma construção narrativa na qual o momento histórico contemporâneo ao leitor se insere na história que vai da Criação ao Juízo Final. Essa é formula que entramos nos *mapamundis* e na descrição de Isidoro de Sevilha quando fala da terra.

Mais uma vez, agora pensado como lugar – espaço, o Além não é tratado aqui como uma realidade projetada para o fim dos tempos, mas antes uma realidade presente. O lugar onde homens e mulheres fazem seu trajeto de peregrinação desde que foram expulsos do convívio com Deus e a ideia, constantemente afirmada, de que a Jerusalém Celeste se faz no estado de pureza de cada membro da Igreja.

É a representação dessa ideia que notamos na iluminura seguinte. Nela vemos que a cidade está presente nas suas duas formas– terrestre e celeste, direita e esquerda, Jerusalém e Babilônia - representada por portais onde colocam-se toda a humanidade em um festejo que tem ao centro, na parte superior – para onde converge toda a iluminura- a figura do "filho do homem", Jesus, dentro de um circulo celeste; na parte de baixo – a direita para a iluminura - o Éden, o Jardim das delicias, representado pelo rio e pela arvore da vida, símbolos do momento em que essa humanidade esteve unida a Deus e para onde retornará – fato que se afirma na figura de Jesus no centro superior para onde deságua o fluxo do rio. Por fim, como não poderia deixar de ser, na parte inferior à esquerda - o inferno, aqui representado segundo a descrição de Isidoro de Sevilha: *Sobre os lugares inferiores. Cova é um lugar localizado à baixo da terra (...) é uma abertura profunda na terra (...) A origem do vocábulo como se designa em grego o inferno significa que nele não se escuta nada que seja aplausível (...) Igual ao coração dos animais que se crê estar no centro do corpo, assim também se crê que o inferno está localizado no meio da terra.* (ISIDORO DE SEVILHA, Etimologias, vol. I, XI)

ISBN: 978-85-98711-10-2

Beato de Liébana – Iluminura/Jerusalém

Ao tratamos portanto, da localização geográfica do Paraíso ou do Inferno na Alta Idade Média, não estamos falando, de um lugar que fosse compreendido fora do tempo ou do espaço humano, terreno. E isso se faz na obra de duas maneiras: se por um lado a geografia do Além se define pela situação moral de cada membro da humanidade – os monges já estariam vivendo na plenitude de Deus; por outro, como bem nos mostra Isidoro de Sevilha, o que se entendeu por Além – Paraíso e Inferno – são lugares, espacialmente falando, bem definidos pela cartografia medieval. O primeiro deles encontrava-se no Oriente, o segundo estava localizado no centro da orbita terrestre, em uma caverna. Ambos faziam parte, portanto da terra, – centro do universo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASCHET, J. I mondi del Medievo: i luoghi dell'aldilà. In: CASIERNOVO, Enrico, SERGI, Giuseppe (orgs.). *Anrti e storia nel Medievo*. Vol 1º, tempi-spazi, estituzioni. Toreno: 2002, pp 317-347.

BAUAB, Fabrício Pedroso. *Da geografia medieval às origens da geografia moderna: contraste entre diferentes noções de natureza, espaço e tempo.* Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Tecnologia. UNESP/Presidente Prudente, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Repensando a construção do espaço. In: *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru: Edusc, 2005, pp. 37-54.

GURIEVICH, Arón. *Las categorías de la cultura medieval.* Madrid: Taurus Humanidades, 1990.

ISBN: 978-85-98711-10-2

ZUNTHOR, Paul. *La medida del mundo. Representacion del espacio em la Edad Media*. Madrid: Cátedra. 1994.